

QUEREM SENTIR SE ESTAMOS NERVOSOS?
(Do sertanista Marcelo Santos, ao ser tocado nas mãos pelos índios)

Descoberta nova tribo de índios

EQUIPE DA FUNAI, ACOMPANHADA DA REPORTAGEM DO JT, FAZ CONTATO COM GRUPO QUE VIVIA ISOLADA NO SUL DE RONDÔNIA

Uma expedição da Funai encontrou no último domingo uma tribo de índios isolados numa área da Floresta Amazônica em Corumbiara, região Sul de Rondônia.

A aldeia está localizada numa reserva florestal privada. Os primeiros vestígios da tribo foram encontrados em 1985, mas não houve aproximação. Os indícios foram destruídos por tratores e os índios afugentados.

A região ficou interdita até 1987, quando o então presidente da Funai, Romero Jucá, suspendeu o processo e devolveu a área aos fazendeiros. A Funai continuou a pesquisar a área, em missões não-oficiais. Expedições tentaram entrar nas fazendas em 88 e 90, mas foram impedidas pelos proprietários.

Há dois meses, o sertanista Marcelo Santos, 42 anos, chefe do Departamento de Índios Isolados (DII), da Funai em Rondônia, conseguiu que a Justiça Federal autorizasse a entrada de pesquisadores da Funai na área. A equipe entrou na mata no sábado. No dia seguinte, fez o contato.

Santos defendeu ontem a interdição da área na qual foram encontrados os índios. Segundo ele, a medida deve ser tomada com urgência para evitar que o grupo sofra violências ou seja expulso da área.

Santos conta que viu um casal de índios no alto de um barranco, a menos de 100 metros. Ambos pareciam acudados. Ele, com cerca de 1,60 de altura. Ela, menor. Pele escura, pés descalços, carregando ar-



cos e flechas de guerra e cobertos de adornos.

O barulho na mata denunciava que o grupo era maior. Estavam em fuga ou fechando o cerco. Foram vários minutos, talvez 10 ou 15, de tensão na picada de acesso à aldeia.

Depois ouvir relatos de índios de outras tribos da região, de madeirei-

ros e de peões de fazendas sobre aparições do grupo na área e de recorrer a imagens do satélite Landsat, feitas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) em 1993, o sertanista não tinha mais dúvidas. Eles estavam mesmo lá.

Os índios conversavam em voz alta, falando uma língua desconhe-

cida. O barulho na mata cessou. Acompanhado pelo funcionário Altair Algaier, de 26 anos, pelo cineasta Vincent Carelli, de 42 anos, e pela reportagem do JT, Santos procurava uma forma de comunicação.

“Eram gritos de “amigo, amigo”. Uma desesperada tentativa de demonstrar que a visita era pacífica. Gritos monossilábicos e gestos.

Mas o sinal de que a aproximação seria permitida só apareceu quando mochilas, equipamento fotográfico, facões e as espingardas de caça foram colocados no chão. Estava demonstrada a intenção de paz.

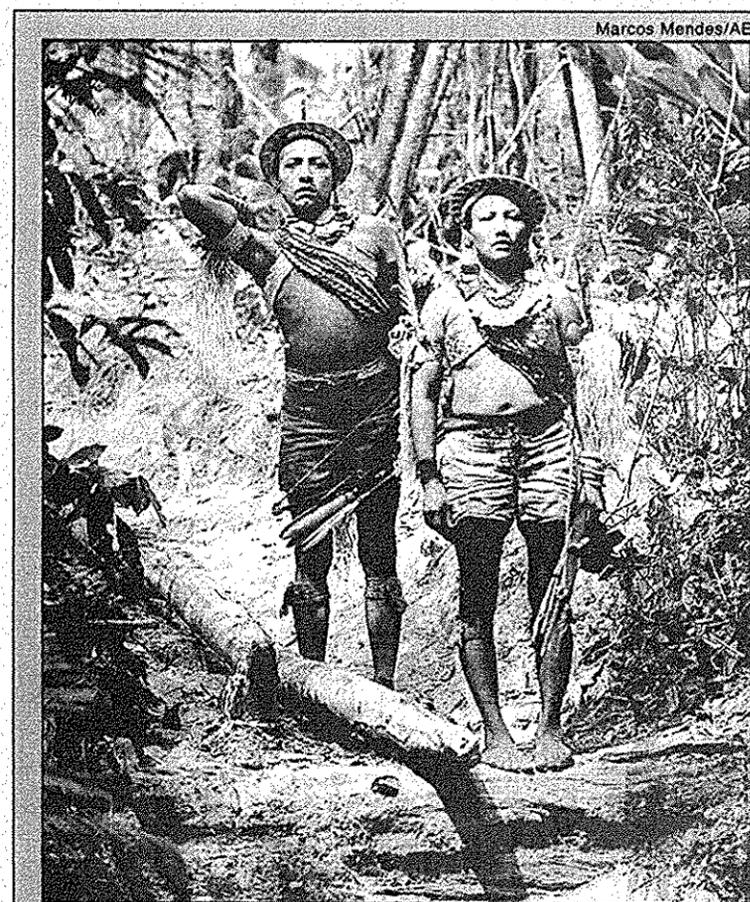
Os primeiros passos do casal foram vagarosos. Desceram até a ponte de madeira bruta e troncos de palmeiras sobre o riacho que separa a aldeia da mata. Antes de atravessar, a mulher iniciou uma cerimônia. Parecia pegar no ar os maus espíritos e os assoprava para longe, para dentro da mata.

O grupo visitante permaneceu quieto enquanto os índios se aproximavam. A primeira reação do casal foi tocar nos braços e nas mãos dos brancos. De todos. “Querem sentir se estamos nervosos”, arriscou Santos.

A mulher tremia, mas seu olhar era direto. O homem balbuciava um som ininteligível.

Marcelo tocou-lhes nos adornos e repetiu em português “amigo, amigo”. A forma de entendimento mais eficaz entre os dois grupos foi, afinal, a mais simples: o riso.

Pablo Pereira, de Vilhena



ÍNDIOS DESCONHECIDOS — Não se sabe ainda a que povo pertence o casal encontrado numa área de fazendas na região de Corumbiara, no Sul de Rondônia, nem quantos membros tem a tribo. Sua aldeia possui uma roça de cerca de 1 hectare, onde plantam cará, milho e mamão. Além de uma palhoça, lá existem duas casas de palha. O casal usa calções de pano, chapéus de couro de veado e adornos feitos de conchas e plástico. Possivelmente, eles recolheram esse material em acampamentos de madeireiros.